

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DESSE PROCESSO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE LUCRÉCIA/RN.

Maria da Luz Duarte Leite Silva
Aluna de pós-graduação pela UFRN, lulinhaduarte@hotmail.com

Maria Macivânia da costa
Aluna de graduação pela UERN, macivania@gmail.com

RESUMO: Este artigo objetiva analisar como se dá o processo de aquisição da leitura na Educação Infantil em uma escola pública de Lucrécia/RN. Para coleta de dados aplicamos um questionário a uma professora da educação Infantil como forma de colher informações a respeito da temática em questão e a facilitar a compreensão dos procedimentos teóricos. Para respaldar teoricamente a pesquisa subsidiamos de teóricos como: Piaget (1975), Ferreiro e Teberosky (1999), Vygotsky (1998), dentre outros. Por fim, percebemos que para que as crianças se desenvolvem como leitores é preciso que sejam incentivadas desde cedo de maneira lúdica, prazerosa, sendo preciso que o profissional de educação infantil seja um sujeito qualificado teórica e metodologicamente.

Palavras-chave: Leitura. Incentivo. Formação Docente.

Considerações iniciais

Atualmente, percebemos que se vem discutindo sobre a importância da leitura na educação infantil, talvez por ser considerada a modalidade de ensino que deve servir como base das demais.

Assim sendo, é fundamental que o educador da Educação Infantil seja consistente de modo a preparar os alunos para serem leitores autônomos. Por tudo isso, buscamos compreender como se processa a aquisição da leitura nessa modalidade de ensino, uma vez que esta é uma fase de descobertas, e, sobretudo, dos porquês das crianças.

Assim sendo, para coleta de dados aplicamos um questionário a professora em questão de modo a dá consistência a essa pesquisa. Isso posto, por considerar importante relacionar o fazer teórico ao prático.

O processo de aprendizagem da leitura na Educação Infantil

O processo de aquisição da leitura, de acordo com Piaget (1975), acontece naturalmente, porque se uma criança está com a lateralização espacial bem definida, e se seu equilíbrio emocional adequado, se tem uma boa discriminação visual e auditiva, se seu

quociente intelectual é normal, e sua articulação também é adequada, conseqüentemente, esta criança vai desenvolver seu processo de leitura sem dificuldades. Para o autor, a leitura é uma reconstrução de um determinado objeto do conhecimento.

Parece que, na realidade dependendo dos espaços de socialização em que a criança vive, seu crescimento intelectual vai se desenvolvendo com base em seu domínio nos meios sociais, principalmente no espaço escolar. E, é justamente neste processo que a metodologia usada pelo docente pode ou não favorecer, estimular ou pode também bloquear a aquisição do conhecimento da leitura pela criança, uma vez que a forma de condução do processo ensino-aprendizagem é decisiva para o bom desempenho do aluno.

Neste sentido, se o método de ensino do docente visa os sistemas de assimilação do sujeito aprendente – já que cada sujeito é único e vive em contextos de vida diferentes, as atividades devem considerar as diversidades, pois as crianças precisam ser incentivadas em seu processo de leitura, e o papel do professor é crucial nesse processo, uma vez que pode despertar no educando a busca pelo conhecimento de forma prazerosa, e não como uma atividade obrigatória. A esse respeito, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 29) dialogam que:

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

Percebemos que o incentivo, bem como o despertar do conhecimento de mundo do aluno, pode possibilitar o desenvolvimento da organização do pensamento das crianças. Nesse sentido, os estímulos, os métodos utilizados na educação infantil pelos docentes não criam aprendizagem na criança, mas sim, ajudam, facilitam o desenvolvimento cognitivo do aluno, e, conseqüentemente a construção do conhecimento.

Entendendo o sujeito como cognoscente, Piaget defende que o “ponto de partida de toda a aprendizagem é o próprio sujeito e não o conteúdo a ser abordado” (1999, p. 32). A partir desse entendimento, se pode sugerir que o aluno deve ser considerado como protagonista na construção do conhecimento. Vale destacar que o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) elaborado pelo Ministério da Educação, atendendo às determinações da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (lei 9.394/96) reza que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, tendo por objetivo auxiliar o trabalho

educativo do professor com as crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural dos aprendentes.

Assim, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) apresenta que o processo de aprendizagem da leitura na linguagem oral e escrita deve ser entendido como elemento importante para a criança ampliar as possibilidades de inserção, e de participação nas diversas práticas sociais. Nele a linguagem é construída como um dos eixos básicos na educação infantil, dando importância à formação do sujeito para a interação com as outras pessoas. Aprender a ler não é somente decodificar palavras, mas também criar seus significados culturais, e com eles os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpreta e representa a realidade.

“A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção, e, de participação nas diversas práticas sociais” (RCNEI, 1998, p.117). Assim sendo, parece que a leitura é fundamental na vida do ser humano, pois a partir dela, se pode ampliar a leitura que se tem de mundo. Hipoteticamente, o meio no qual a criança está inserida contribui para o processo de aquisição da leitura. Se ela vive em uma família que tem hábitos de leitura, terá maior probabilidade de sucesso na aquisição da mesma; se a criança está no meio de uma família que apresenta o hábito de leitura, conseqüentemente, só terá o estímulo da leitura na escola, o que dificultará seu processo de aquisição.

Breves considerações sobre a Leitura

A leitura se constitui no mundo moderno como um dos eixos básicos para o crescimento intelectual do sujeito. Segundo o dicionário Aurélio (2003), “Leitura é ato, arte ou hábito de ler, aquilo que se lê operação de percorrer, em um meio físico, seqüências de marcas codificadas que representam informações registradas”. Assim sendo, ler não é fácil porque depende de vários aspectos como as capacidades o desenvolvimento das capacidades cognitivas os conhecimentos empíricos dos alunos dentre outros.

Ler é uma tarefa muito complexa. Todavia, é na leitura que o sujeito pode se comunicar de igual para igual com o outro. E, é justamente nos escritos que desvendamos outras culturas, que hábitos e histórias diferentes são revelados, que compreendemos, de fato, o sentido da expressão diversidade – de idéias, vivências, sonhos, experiências (SUASSUNA, 1995).

A partir do discutido, sugestivamente a leitura como um dos aspectos mais importante para a prática sociocultural do indivíduo, por isso, deve estar inserida em um conjunto de ações sociais, e, culturais e, não exclusivamente escolarizadas. Ler não é simplesmente decifrar, é criar sentido é perceber, é antecipar, é ser capaz de captar signos ou sinais registrados em suportes para recuperar as informações por eles codificadas.

Concepções de leitura

Desde os primórdios da civilização, o homem busca habilidades que tornem mais útil à vida em sociedade. A criação de mecanismos que possibilitem a disseminação de seu conhecimento tornava-se um imperativo de saber/poder, que ensejava respeito e admiração pelos companheiros de “tribo”. Daí, ha de se ressaltar o surgimento das inscrições rupestres, simbologias, posteriormente, e num estágio mais avançado das civilizações, os hieróglifos e as esculturas que denotavam sua própria e mais nobre conquista, a conquista do saber.

Neste contexto, surge a escrita e a leitura como imanescentes à própria história da civilização criando outras disponibilidades, pois é a básica, dela provem as demais leituras. Sendo assim, a idéia de leitura é para o sujeito uma porta aberta para a busca de informações. Por meio das diversas leituras, o indivíduo adquire idéias, podendo se posicionar frente a diferentes textos, possibilitando o despertar da criatividade e sensibilidade, adquirindo capacidades de construção e manifestação de mundo, possuindo os elementos necessários para tal.

A leitura é vista teoricamente sob a configuração de três focos: na concepção cognitivista, defendida por Piaget; na concepção sociointeracionista, defendida por Vigotsky; e na concepção discursiva, defendida por Henri Wallon. Vamos, a partir de agora, tecer breves comentários sobre cada concepção.

Concepção Cognitivista

Cognição é o ato ou método de adquirir, compreender estados mentais e processos, como o refletir, a atenção, o raciocínio, a memória, o juízo, a imaginação, o pensamento, o discurso, a percepção visual e auditiva, a aprendizagem, a consciência, as emoções, enfim, é a capacidade de entender, assimilar, dá um significado mental a algo.

Para Piaget (1975), o sujeito passa por fases de desenvolvimento que refletem as mudanças pelas quais passou a própria humanidade: a evolução em processo natural. Na teoria piagetiana, a função da educação é ajudar no processo cognitivo do aprendente.

Para Vigotsky, a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem. É pela aprendizagem nas relações com os outros que contribuimos com os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental do sujeito cognoscente.

Na teoria vigotskyana, primeiro, a criança utiliza a fala socializada para se comunicar. Só mais tarde é que passará a usá-la como instrumento do pensamento com a função de adaptação social. Entre o discurso socializado e o discurso interior, há a fala egocêntrica, que é utilizada como apoio ao planejamento de seqüência a serem seguidos, auxiliando assim na solução de problemas. Em Piaget, acontece exatamente o contrário, isto é, a fala egocêntrica, que seria uma transição entre estados mentais individuais não verbais, de um lado, e o discurso socializado e o pensamento lógico, de outro. Segundo Vigotsky (2001, pp. 27-37), para o ser humano, o meio é sempre revestido de significados culturais, significados estes que só são aprendidos com a participação dos mediadores.

Assim sendo, o fator cultural básico para Vigotsky é pouco enfatizado por Piaget, esta é a diferença central entre os dois teóricos construtivistas. Ambos divergem também quanto a seqüência do processo de aprendizagem e de desenvolvimento mental. Para Vigotsky, o sujeito aprende de fora para dentro. Quer dizer, o sujeito vê algo e internaliza e se desenvolve. Para Piaget, acontece o contrário, segundo sua teoria, o sujeito aprende de dentro para fora são os fatores orgânicos do ser humano que faz com os sujeitos desenvolvam o seu aprendizado.

Concepção Sociointeracionista

O Sociointeracionismo é um processo de interação com mediação. Dessa forma essa concepção é de grande importância no processo de leitura, visto que o contato com a leitura quando se dá por meio da interação há mais produtividade. Isso posto, por entendermos que parece ser indispensável para aquisição dos aprenderes. Assim a interação constitui o processo em que o sujeito interage com a sua cultura e com a cultura do outro.

Nas teorias sociointeracionistas o desenvolvimento infantil é visto como um processo dinâmico, pois, as crianças não são passivas. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as

mesmas vão desenvolvendo as capacidades afetivas, e seu raciocínio lógico, são, conseqüentemente aperfeiçoando a linguagem.

Para vigotsky, a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem em um sujeito capaz de construir seu próprio conhecimento. Assim. Através da interação dos aprendentes que acontece o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, e, conseqüentemente o aperfeiçoamento nas relações interpessoais.

O termo sociointeracionismo distingue a corrente teórica de Vigotsky e o construtivismo de Piaget. Ambos são construtivistas e veem que o conhecimento nem nasce com o ser humano, e nem é adquirido por ele, é construído com o meio. Mas, existe uma divergência entre Piaget e Vigotsky. Na teoria vigotskyana, primeiro, a criança utiliza a fala socializada para se comunicar. Só mas mais tarde é que passará a usá-la como instrumento do pensamento com a função de adaptação social. Entre o discurso socializado e o discurso interior, há a fala egocêntrica, que é utilizada como apoio ao planejamento de seqüência a serem seguidos, auxiliando assim na solução de problemas. Em Piaget, acontece exatamente o contrário, isto é, a fala egocêntrica, serve de transição entre estados mentais individuais não verbais, de um lado, e o discurso socializado e o pensamento lógico, de outro. Segundo Vigotsky (2001, pp. 27-37), Para “[...] o ser humano, o meio é sempre revestido de significados culturais, significados estes que só são aprendidos com a participação dos mediadores”.

Com base no discutido, parece que o fator cultural básico para Vigotsky é pouco enfatizado por Piaget, esta é a diferença entre os dois teóricos construtivistas. Ambos divergem também, quanto à seqüência do processo de aprendizagem e de desenvolvimento mental.

Concepção Discursiva

Percebemos que o pensamento discursivo é expresso pela fala e, contudo, organizado pela linguagem. Essa concepção parece reza que o ser humano deve pensar antes de falar para saber se expressar com clareza diante de uma ideia. Henri Wallon (2001) dialoga sobre a psicogênese da pessoa completa. Interessado em compreender como o sujeito se desenvolve propõe o diálogo com outras perspectivas e campos teóricos que tratam do desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Sugestivamente a teoria de Wallon busca talvez superar as dicotomias clássicas do pensamento, a dicotomia entre o que é orgânico, e o que é social, entre o indivíduo e o meio.

Através dela, percebemos que, tanto nas relações entre características orgânicas quanto aquelas adquiridas socialmente nas relações entre pessoas e seu grupo são dimensões que não excluem as potencialidades uma da outra, mas que estão sempre em interação contribuindo para a constituição o sujeito.

A teoria de Wallon se baseia em conversas, diálogos que estabelece com crianças de cinco a nove anos procurando demonstrar qual a característica predominante do pensamento infantil. Sabemos que o pensamento científico só evolui graças a momentos de sincretismo, quando ideias se misturam, ocasionando uma confusão da qual se pode criar alguma coisa nova. É esse um ponto de vista interessante, pois na infância o sincretismo é um estado provisório que vai se transformando e, por outro lado, nunca se basta a si próprio. Wallon (2001) identifica o sincretismo como a principal característica do pensamento infantil. Por fim, na psicologia, o adjetivo sincrético costuma designar o caráter confuso e geral do pensamento e percepção infantil.

A Leitura na Educação Infantil

O mundo moderno exige, cada vez mais, seres humanos leitores e que saibam interpretar uma simples frase do cotidiano tornando-se, assim, um cidadão letrado, o qual deve ler e saber compreender o que leu, a fim de se identificar diante de um texto construindo o seu eu e se descobrindo pela leitura.

Caminhando por essa lógica, Soares (2006, p. 43) defende que: “Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se lendo ou escrevendo - delinear o mapa de quem você é, e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”. Diante disso, através da leitura a criança deve aprender a vê-la como prática social reconhecer sua importância, para se informar, e construir seu próprio conhecimento. Parece que quem lê pode despertar o gosto pela leitura tornando base facilitadora na compreensão de todas as leituras do cotidiano. Isso posto, por percebermos que a criança aprende a ler na convivência em seu contexto social e também na escola. Por isso, a escola ainda tem a tarefa ou função de alfabetizar.

Neste sentido, a Educação Infantil, dentre tantos os deveres de alfabetizar letrando, a escola deve criar incentivos de prática de letramento para o indivíduo, para que a criança ao apropriar-se da leitura e da escrita saiba interpretar frases, textos, e, construa sua subjetividade, pois vivemos em um mundo que exige sujeitos letrados. Segundo Soares (2006, p. 43):

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para montar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.

Com base no exposto, o ser humano precisa ser letrado de modo a inserir-se na sociedade e atingir metas e desenvolver conhecimentos inerentes ao exercício da cidadania. Parece que a educação infantil, tornou-se direito das crianças com a LDB (1996) ao incluí-la no sistema de educação básica como modalidade base para as demais series/anos, uma vez que se entende que se deve lapidar um sujeito desde a sua base educacional, pois quanto mais cedo esse individuo tiver contato com a educação, mais a probabilidade de se tornar um cidadão.

O despertar do prazer de ler

Partindo do princípio de que a leitura é um processo em que o leitor deve realizar um trabalho ativo de construção do significado do texto, e sendo conhecedores de que a criança pode tornar-se leitores que apresentam prazer, sugestivamente, isso acontece devido o professor usar de estratégias que estimule o aluno a sentir a importância de ler. Por isso, parece ser difícil para uma professora ou professor que não lê consiga estimular a leitura das crianças. Se uma criança vem de uma família que não lê e encontra uma professora ou professor na mesma situação, possivelmente sentirá dificuldade em conceber a leitura como parte de sua formação de sujeito social.

Assim, o ambiente de educação infantil, como espaço facilitador do processo de aquisição da leitura, precisa contar com professores leitores, porque se a pessoa não tem prazer no convívio com material escrito, é difícil passar isso para as crianças. Assim, para formar leitores mirins o professor necessita de uma concepção clara de leitura.

Sugestivamente, para que a criança construa o prazer de ler é preciso que tenha contato com livros desde os primeiros anos de vida, e que esse ato continue sendo estimulado constantemente na escola por prazer, e não por obrigação, e, sobretudo que os pais leiam com seus filhos.

Por fim, devem existir espaços propícios para as atividades de leituras deixando que o aluno escolha o livro que lhe interesse, seja pelo gênero, pela imagem, pela capa, pelas letras, pelo tamanho, porque assim as crianças vão construindo o hábito e o prazer pelo mundo letrado, se tornando conseqüentemente, leitores e futuros adultos alfabetizados e letrados.

Vale salientar que, desta forma, além de conquistar o processo de aquisição da leitura de maneira prazerosa, o ato de ler pode levar o indivíduo a possuir hábitos de pessoa leitora para o resto da vida. Por tudo isso, não se pode tratar uma criança como se fosse um adulto, ou seja, o professor deve compreender a criança como um sujeito sensível que está em processo de estabilização do seu caráter pessoal e intelectual. Assim, faz-se necessário que as creches e pré-escolas respeitem os direitos fundamentais das crianças, pois não se pode tirar o que é da criança por direito, pelo contrário, deve-se investir cada vez mais para que esses direitos sejam respeitados e praticados. Segundo o documento a seguir:

- Nossas crianças têm direito a brincadeiras,
- Nossas crianças têm direito à atenção individual,
- Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro estimulante,
- Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza,
- Nossas crianças têm direito a higiene e a saúde,
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão,
- Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos,
- Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade,
- Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos,
- Nossas crianças têm o direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche,
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racional e religiosa. (BRASIL, 2009, p.13)

Com tantos direitos dados as crianças de hoje, por que ainda existem tantos analfabetos no Brasil, crianças que não se identificam com livros, dizem não gostar de ler? Acreditamos que as crianças não estão recebendo seus direitos como é para ser, seja por falta de estrutura profissional na base educacional, sejam por questões políticas mal colocadas. Conforme o documento a seguir:

- A política de creche respeita os direitos fundamentais da Criança,
- A política de creche está comprometida com o bem-estar e o desenvolvimento da criança,
- A política de creche reconhece que as crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante,
- A política de creche reconhece que as crianças têm direito a higiene e á saúde,
- A política de creche reconhece que as crianças têm direito a brincadeira,
- A política de creche reconhece que as crianças têm direito a ampliar seus conhecimentos,

- A política de creche reconhece que as crianças têm direito ao contato com a natureza. (BRASIL, 2009, p.31)

Com base no exposto, parece que a autora apresenta que, já está na hora de oferecer mais capacitação aos profissionais de educação infantil, dá oportunidade àqueles que estão estudando em busca de melhorias para a sua área de atuação, que estão pondo em prática as teorias estudadas para que haja melhorias. Por fim, para que aconteça um bom processo de leitura com as crianças da educação infantil, e seja despertado nelas o desejo pela leitura é preciso mudanças teóricas e práticas – de ordem estrutural – no ambiente de trabalho (creches e pré-escolas) e na formação dos profissionais que atuam nessa modalidade de ensino.

A Formação do Professor da Educação Infantil

A educação infantil deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança até os 06 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Para tanto, deve existir professores preparados didaticamente e pedagogicamente para acompanhar esse desenvolvimento infantil.

Vários estudos têm mostrado que muitos profissionais da educação infantil ainda não tem formação adequada, recebem remuneração baixa, e trabalham sob condições precárias. A constatação dessa realidade nacional perversa e desigual foi acompanhada nas últimas décadas, por debates a respeito das diversas concepções sobre criança, educação, e de um novo profissional para responder às demandas atuais de educação das crianças.

Para que a implementação de uma educação de qualidade aconteça, devemos reconhecer que o professor é uma peça fundamental para tal desenvolvimento. É preciso que os mesmos estejam comprometidos com a sua prática educacional capazes de responder às demandas familiares e das crianças, porque o trabalho direto com crianças pequenas exige que o profissional tenha uma competência que cabe ao mesmo, naturezas diversas abrangendo desde cuidados básicos essenciais, até conhecimentos específicos de diversas áreas do conhecimento. Então para que esse fato aconteça o profissional deve possuir uma formação consistente na área em que atua, tornando-se também um aprendiz, refletindo sobre sua ação, buscando informações necessárias para que seu trabalho se desenvolva de maneira eficaz.

A formação de professores tem sido objeto de muitos estudos e debates, o que vem oferecendo um conjunto relevante de dados e reflexões sobre o tema. Considerando a formação educativa, adentramos no contexto atual da educação, enfocando as principais

características do professor alfabetizador com a importância da educação escolar, e com as funções sociais da escola no mundo contemporâneo.

Parece que o profissional quando preparado para atuar na educação infantil, caracteriza-se como um professor que domina os instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções, apresentando capacidades de tematizar a própria prática, refletindo criticamente a respeito dela. Conhecer bem, os conteúdos curriculares, desenvolver um trabalho interdisciplinar, saber planejar e desenvolver situações de ensino e de aprendizagem, estimular as interações sociais de seus alunos e administrar com tranquilidade as situações de sala de aula faltam ao educador da atualidade.

Análise de dados

Parece ser possível, apresentar algumas considerações sobre este estudo, por isso aplicamos um questionário a uma professora da Educação Infantil, para termos a oportunidade de conhecer os encaminhamentos pedagógicos da mesma, bem como, a sua concepção de leitura. De início perguntamos:

01- Como você trabalha a leitura na sala de aula?

Costumo escolher anteriormente a história e contar para as crianças. As crianças não são capazes de ler, pois não conhecem nem se quer as letras.

Na resposta da professora, sugestivamente percebemos que a leitura na educação infantil se resume em apenas contar a história para os seus alunos. Assim sendo, a entrevistada parece descaracterizar o papel da leitura na formação do sujeito, visto que não possibilita a seus alunos outros tipos de leitura, como por exemplo, ler imagens. Isso nos faz dialogar com o pensamento de Lajolo sobre a importância de o professor ser um bom leitor quando apresenta: “(...) à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas”. (LAJOLO, 1985, p.53). Ou seja, se o professor não é um bom leitor, conseqüentemente, o seu aluno hipoteticamente não o será.

02- Você considera a leitura como importante na formação do sujeito?

Sem dúvida, através da leitura a criança começa a aprender a ouvir o outro. Além de

perceber que a leitura é algo que é representado por letras.

Sabemos que o leitor começa a ser formado desde que começa a perceber as coisas ao seu redor. Pensando nisso, sugestivamente trabalhar a leitura com a criança, levando-a a ter contato com o mundo do letramento, poderá ser o meio eficaz para a formação de futuros leitores competentes. Mas, o que fazer quando isso não acontece na escola e o aluno se encontra no Ensino Fundamental ou mesmo o Médio, e não habituado a ler? Será possível mudar esse quadro? Existe idade certa para formação de leitores? Para a professora em questão a leitura na Educação Infantil é só para ser ouvida. A professora parece não entender que existem vários gêneros textuais em que a criança mesmo não lendo convencionalmente sabe ler. Para Micheletti (2002, p.66): “O professor não é o narrador que relata diretamente os acontecimentos, mas um mediador desse relato”.

03- O que é um leitor competente para você?

É uma pessoa que ler muito, e que sabe se expressar bem. Além de ser um sujeito que tem mais facilidade de entender o que se ler.

Nessa resposta a professora mesmo que, hipoteticamente apresente uma certa artificialidade, ou mesmo contradição no que vinha considerando a leitura e sua importância na formação do sujeito, demonstra entender algumas características de um bom leitor, como facilidade de entender o lido, se expressar com clareza dentre outras. Mas deixou de apresentar que através da leitura o sujeito leitor desenvolver suas capacidades cognitivas, ampliando a sua construção subjetiva. Para Lajolo (1985, p.59) através da leitura o sujeito é: “[...] capaz de atribuir-lhe significação [...]”.

04 – Na sua prática pedagógica o trabalho com a leitura prescinde o da escrita?

Não, inicio o processo ensinando as letras, primeiramente trabalho com as vogais e só depois com o alfabeto e posteriormente com pequenas palavras. Acho que na Educação infantil a leitura deve ser só contada pelo professor.

A fala da professora parece demonstrar que sua prática pedagógica está enraizada por uma metodologia tradicional de ensino, visto que ensina partindo de letras, palavras; e a leitura onde fica? A relação entre o ler e escrever é algo mais forte do que usar a tecla da criatividade. O que se percebe é que os hábitos de leitura do professor são importantes para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nos alunos. Percebemos que a metodologia da professora em questão pode como apresenta. Lajolo (1985, p.54) “[...] correr o risco de contribuir para a alienação do processo educativo”.

05 - O que você entende pela expressão de Paulo Freire quando diz; “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade daquela”.

Acredito que ele quer dizer que a leitura que trazemos para a escola é aperfeiçoada pela que veremos na escola.

A resposta da professora, hipoteticamente demonstra certa fragilidade na interpretação, visto que parece esquecer que a leitura de mundo não é só aperfeiçoada na escola, mas também no meio sociocultural em que o leitor está inserido. Isso posto, por acreditarmos que as várias meios em que a leitura se apresenta na vida do leitor. Parece que a professora ver como único espaço de aperfeiçoamento da leitura de mundo a escola. “E a cada novo texto com que se defronta, o aluno pode vivenciar de forma crítica a atitude de sujeito, não só de sua linguagem, mas de uma teoria e uma história da literatura de seu povo.” (LAJOLO, 1985, p.62)

Considerações finais

O esforço que empreendemos neste estudo foi o de analisar a forma como se dá o processo de leitura na Educação Infantil em uma escola pública em Lucrécia/RN. Para tanto, podemos destacar que as crianças devem ser tratadas com carinho, amor, respeito e atenção as suas necessidades, pois o professor deve ser um agente estimulador da criatividade do aluno, levando-o a pensar, entender o mundo da leitura, do imaginário, aprendendo de maneira lúdica, pois a leitura é importante na socialização da mesma.

Percebemos também através desse estudo que, a professora entrevistada embora saiba da importância da leitura para a formação do sujeito, acredita que na educação infantil esta

deva se resumir somente ao contar histórias, ou seja, a mesma não estimula seus alunos a fazerem outros tipos de leitura, para ela, ler se resume em decodificar.

Assim sendo, parece que no processo de construção do conhecimento pelo aluno o professor tem um papel fundamental, tendo em vista que, este deve procurar proporcionar um ambiente prazeroso de aprendizagem da leitura, destacamos também a importância da família como uma grande aliada nessa formação.

Por fim, esperamos que este estudo tenha contribuído para o entendimento de que vale à pena investir em uma educação de qualidade, e no incentivo à leitura pelo aluno, de modo a despertar o prazer pelo lido, e que saibamos que um dos principais passos para se inserir o aluno com eficiência e eficácia no mundo moderno, a leitura é um dos caminhos.

Referências

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção em sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998. V. 1 e 3.

CÉSARIS, D. M. de. *O Psicopedagogo nas Instituições*. Hoje. Disponível em www.psicopedagogiaonline.com.br. Acesso em: 27 de abril de 2003.

FELIPE, J. *O Desenvolvimento Infantil na perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygostsky e Wallon*. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládes (org.). *Educação Infantil: Para que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. P. 27-37.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FERREIRO, E. *Com todas as Letras*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRO, E. *Psicogênese da Língua escrita* / Emilia Ferreiro, Ana Teberosky. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MICHELETTI, Guaraciaba. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PAIN, S. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Buenos Aires. Ed. Artes Médicas. 1981.

PIAGET, J. *Seis estudos da Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

SCOZ, J. L. B. *Psicologia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SEVERINO, A. J. *Formação de Professores*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

SUASSUNA, L. *Gaiolas não prendem pássaros principalmente pássaros saudosos de liberdade*. In Suassuna: Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.